

"Eu não quero mais pensar a não ser com o meu corpo": práticas para aterrar e cultivar presença(s)

Flavia LIBERMAN¹

Laura POZZANA²

Adriana Rodrigues DOMINGUES³

Resumo

Frente à suspensão das atividades presenciais durante o período de pandemia de Covid-19 fomos forçadas a dar continuidade, cuidar e sustentar vínculos com as pessoas que acompanhávamos em nossas atividades de ensino-pesquisa-intervenção. O texto parte de três experiências que têm em comum o desafio de seguir atuantes pelo uso das tecnologias: uma oficina de corpo com pessoas com deficiência visual, uma disciplina sobre grupos e práticas coletivas e outra que realiza ações de cuidado com práticas corporais e artísticas com mulheres. O objetivo aqui é apresentar o que foi problematizado e inventado na busca de produzir presença, corpo e grupalidade no processo formativo. Realizamos uma pesquisa cartográfica mapeando os regimes de afetabilidade e acompanhando seus efeitos. A imersão no imenso universo online se configurou como forma de se deixar mobilizar pelo acontecimento inesperado da pandemia e pelas possibilidades de detectar o que podia ser criado, experimentado e aprendido nesse processo.

Palavras-chave: Corpo. Grupo. Ambiente *online*. Pandemia. Presença

¹ Doutora em Psicologia Clínica (PUC- SP) e Pós-doutorado na Universidade de Évora-Portugal (CHAIA/UE). Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo e nos Programas de Pós- Graduação Ensino em Ciências da Saúde (Modalidade Profissional) e no Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde - Campus Baixada Santista. Membro do Laboratório Corpo e Arte da UNIFESP. Suas pesquisas envolvem o corpo, as artes, terapia ocupacional, grupos, formação, territórios e suas interfaces. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8563-5993>.

E-mail: f.liberman@unifesp.br

² Pós-doutorado e Doutorado em Psicologia (UFRJ). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos (PPGP-UFRJ) com vasta experiência de pesquisa no campo da deficiência visual. É psicóloga clínica, trabalha com grupos e como instrutora do Sistema Rio Aberto. Atua principalmente na interface corpo, arte e clínica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1571-0315>.

E-mail: laura.pozzana@gmail.com

³ Doutora em Psicologia Social (UERJ). Professora Adjunta da Universidade Federal de São Paulo - campus Baixada Santista. Membro do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Formação e Trabalho em Saúde (LEPETS) da UNIFESP. Atua na interface entre a saúde coletiva, a análise institucional e a psicologia comunitária, desenvolvendo projetos de pesquisa e intervenção voltados às instituições que atuam nos campos da saúde mental, saúde coletiva e assistência social. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6884-0095>.

E-mail: adriana.domingues@unifesp.br

"I no longer want to think except with my body": practices for grounding and cultivating presence(s)

*Flavia LIBERMAN
Laura POZZANA
Adriana Rodrigues DOMINGUES*

Abstract

Faced with the suspension of face-to-face activities during the Covid-19 pandemic period, we were forced to continue and sustain bonds with the people we were accompanying in our teaching-research-intervention activities, as well as caring for them. The text starts from three experiences that have in common the challenge of continuing to act through the use of technologies: a body workshop with people with visual impairment, a course on groups and collective practices, and another that carries out care actions with body and artistic practices with women. The goal here is to present what was problematized and invented in the search for producing presence, body, and groupality in the formative process. We carried out a cartographic research mapping the regimes of affectability and following their effects. The immersion in this immense online universe was configured as a way to let oneself be mobilized by the unexpected event of the pandemic and by the possibilities of detecting what could be created, experienced and learned in this process.

Keywords: Body. Group. Online environment. Pandemic. Presence.

“No quiero pensar más a no ser con mi cuerpo”: prácticas para aterrizar y cultivar presencia(s)

*Flavia Liberman
Laura Pozzana
Adriana Rodrigues Domingues*

Resumen

Ante la suspensión de las actividades presenciales durante el período de la pandemia de Covid-19 nos vimos obligadas a dar continuación, cuidar y mantener los vínculos con las personas a las que acompañábamos en nuestras actividades de enseñanza-investigación-intervención. El texto se fundamenta en tres experiencias que tienen en común el reto de permanecer activos a través del uso de tecnologías: un taller corporal con personas con discapacidad visual, un curso sobre grupos y prácticas colectivas y otra de acciones de cuidado con prácticas corporales y artísticas con mujeres. El objetivo es presentar lo que se problematizó e inventó al tratar de producir presencia, cuerpo y grupos en el proceso formativo. Llevamos a cabo una investigación cartográfica en la que se mapean los regímenes de afectabilidad y acompañamos sus efectos. La inmersión en el inmenso universo on-line se configuró como forma de dejarse movilizar por el hecho inesperado de la pandemia y por posibilidades de detectar lo que se podía crear, experimentar y aprender en este proceso.

Palabras clave: Cuerpo. Grupo. Ambiente on-line. Pandemia. Presencia.

Introdução

Após um ano dedicado à oficina remota via Whatsapp, Eronides dá um depoimento que traz para a cena nuances afetivas de como estava experimentando o dispositivo: “Fico fazendo o nosso estudo procurando não pensar que estou sozinho em casa, só com um celular. A palavra que vem é solidão, muito difícil não estarmos nos encontrando e ficarmos nesse contato só com esse aparelho”. Adélia faz um contraponto com a declaração de solidão gerada na lida com o celular: “Que bom que temos essa tecnologia para não ficarmos esquecidos do mundo”. Avançamos. “Assim nos comunicamos e sabemos como estão nossos amigos”. Outros retrucam: “A aula hoje foi maravilhosa, consegui fazer o 8 com o nariz e tudo que foi indicado” (Miriam). “Estamos juntos e misturados! Nosso grupo é muito forte” (Iolando). Cesário, completando a discussão sobre solidão, celular e pandemia, diz que gostou muito de bailar com a gente: “Vamos seguir em frente criando caminhos como podemos! Vamos tocar o barco com alegria, com fé na vida. Vou lembrar algo que ouvi um dia: solidão não é estar só, é ser só, não é estar numa ilha, é ser uma ilha. Portanto, estejamos abertos a novas emoções, deixemos fluir o sentimento. Vamos sentindo onde estamos, praticando e vamos que vamos!”. Os áudios enviados por eles após o movimento corporal costumavam trazer para a conversa uma partilha da experiência do dia e algumas notícias de como estavam.

No último encontro com dois grupos de estudantes, o objetivo era abordar os sentimentos que haviam sido produzidos pela pandemia. Uma turma apresentou uma relação de músicas e propuseram a criação de uma playlist coletiva. Outra turma propôs o tema “saudades”. Começaram lendo uma poesia e convidaram os estudantes a colocarem imagens em um mural virtual que respondessem à pergunta: Do que você tem saudade? Rapidamente o mural foi sendo preenchido. Não faltaram fotos da praia, do pôr do sol, da bicicleta, dos amigos, da república em que moravam e da Universidade. Em seguida, convidaram os estudantes a comentarem sobre as imagens postadas ali. Muitos abriram o microfone para contar que também sentiam saudade disso e daquilo, até dos perrengues da vida, da corrente que solta da bike em dia de prova, do cheiro de peixe do restaurante universitário que impregna tudo, de pegar ônibus com ar condicionado ligado em dias chuvosos, de sair de van para as atividades de campo. Criou-se um ambiente com muitas risadas e com a constatação de que sentiam saudades das coisas mais simples da vida. Ao terminar o encontro, os estudantes se despediram dizendo que sentirão saudades daquele grupo, mesmo sem terem se conhecido presencialmente.

Com a pandemia parecia que havíamos perdido Tânia, uma mulher que acompanhamos em nossas atividades no Núcleo de Apoio Psicossocial (NAPS), na Zona Noroeste de Santos/SP. Não conseguimos saber do seu paradeiro, até que Letícia, terapeuta ocupacional do serviço, nos conta que ela tem aparecido sempre por lá para buscar a sua medicação. Letícia nos diz que Tânia sempre fala do grupo, dos/as docentes, dos/as alunos/as, das experiências, da falta que faz aqueles encontros. Com esta informação, e sendo Letícia nossa parceira no trabalho com as mulheres, combinamos dela ser a mediadora de um possível encontro, agora pelo Google Meet. No dia e hora marcados, as duas estavam em frente ao computador do NAPS. Tania, com sorriso no rosto que não cabia em si, falava das saudades, da falta, da alegria de “estar ali”. Contou muitos casos com seus olhos que perscrutavam a tela, procurando os rostos, buscando alguma proximidade com cada aluno/a que falava com ela. Era a sua primeira vez em frente a um computador e Tânia mostrava seu gosto e competência em colocar seu corpo “a prova”, em conexão, neste novo e inusitado contexto.

Trazemos à baila para o texto, como solo de onde o conhecimento aqui se tece, três fragmentos de experiências distintas que serão retomadas ao longo do texto, e que vivemos, como docentes e pesquisadoras, com estudantes e pessoas atendidas nas atividades que aconteceram durante o período de pandemia de Covid-19. São cenas de uma oficina de corpo, movimento e expressão realizada com pessoas com deficiência visual, cenas de uma sala de aula remota em uma disciplina sobre grupos e práticas coletivas e, ainda, cenas de outra disciplina que tem como foco realizar ações de cuidado que envolvem práticas corporais e artísticas com mulheres vulnerabilizadas. Nestas, e em muitas experiências que vivemos, somos acompanhadas pelo encontro com o inesperado. Elas se tocam na lida inventiva e cuidadosa com a singularidade de cada situação, articulada com os limites impostos pela pandemia, com o uso das tecnologias e os diferentes modos de persistir/continuar. A partir daquilo que pudemos cultivar com as experiências que atravessamos, e percebendo a possibilidade de construção de grupalidade e participação no formato remoto, interessa-nos detectar modos de elaborar, analisar e produzir presença no processo formativo, seja ele remoto ou não. Pretendemos analisar o sentido ético, estético e político de experiências que provoquem a presença e que ativam diferentes regimes de afetabilidade para sustentar os encontros produzidos naquele momento.

Reinventar formas de estar junto e pensar novas (ou velhas) questões

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s)

Em março de 2020, quando nossos pés foram arrancados dos trajetos habituais de trabalho por causa do isolamento físico imposto pela pandemia de Covid-19, tivemos que reinventar as atividades que realizávamos anteriormente. Da noite para o dia, esvaziamos as salas de aula e os diversos corredores que compunham a vida universitária, para nos sentarmos em frente a um computador ou outro dispositivo móvel nos lugares onde cada um/a se encontrava, olhando para uma tela, muitas vezes, composta por um mosaico repleto de câmeras fechadas. Um mundo de incertezas invadiu cada um/a de nós, acompanhado de sentimentos ambivalentes e, por vezes, contraditórios: solidão, desafio, medo, saudade, expectativa, desânimo, força e tristeza. Ao lado de muitas dúvidas, uma pergunta se fez frequente na Universidade: será que os/as estudantes estão prestando atenção ao que se passa aqui?

Consideramos, aqui, as enormes dificuldades no acesso a um possível ajuste formativo pautado pelas ferramentas online. A suspensão das aulas e de quaisquer outras atividades presenciais de ensino-aprendizagem em todos os níveis, da creche à pós-graduação, evidenciou as desigualdades e as diferenças nas condições de vida, impactando gravemente (e ainda mais!) a situação econômica, social e emocional das estudantes. As desigualdades já presentes em nosso país, relacionadas aos marcadores sociais ligados a raça, gênero, classe entre outros, nos exigiam enfrentamento, cuidado e reflexão permanentes (CASTRO, 2009; ARTES e RICOLDI, 2015; MACEDO, 2021; LIBERMAN et al, 2022).

Nós, como docentes, percebemos que havia um universo acontecendo por trás das câmeras fechadas: a ausência deste recurso no computador, a péssima qualidade da conexão, o cansaço gerado por horas seguidas diante dos dispositivos, a vergonha de expor a casa e o espaço compartilhado de estudo, o desconforto por situações conflituosas e caóticas que poderiam estar acontecendo no ambiente doméstico, o constrangimento e a timidez para expor a própria imagem. Tivemos que sustentar a dúvida, não saber o que se passava e onde a experiência nos levaria, provocando inúmeras reflexões sobre aquilo que se fazia possível.

Atentas aos afetos em movimento nesse novo formato, com o tempo fomos percebendo que nem sempre a câmera desligada significava ausência, desinteresse ou falta de participação dos/as estudantes. Para alguns/ algumas, a vontade de ter câmeras abertas podia significar a necessidade de um esquema conhecido e familiar que acomodasse a visão diante de um mundo desconhecido. As imagens permitem o acesso às expressões faciais, aos movimentos corporais, às reações aos conteúdos e às atividades que estão acontecendo naquele momento. A imersão neste imenso universo online se configurou como uma forma de se deixar mobilizar pelo acontecimento inesperado da

pandemia e pelas possibilidades de detectar o que podia ser criado, experimentado e aprendido nesse processo.

Mostrando ou não o que se passa por trás das câmeras, muitas coisas acontecem. De certo modo, a experiência com pessoas com deficiência visual é uma oportunidade de pensarmos o quanto uma oficina ou uma aula não prescindem da câmera ligada e do controle de uma tradição visuocentrada. Se tomarmos o corpo como multimídia, multifacetado e pulsante (FAVRE, 1992, 2004; KELEMAN, 1992; LIBERMAN, 2010), parece-nos que considerar o corpo apenas pela dimensão dos órgãos dos sentidos e, mais que isto, focado na funcionalidade dos olhos, parece restringir demasiadamente o que pode o corpo, o vivo e, portanto, a vida. Keleman “compreende o organismo não com base nos órgãos - o que seria restringir a compreensão sobre os processos por meio dos quais acontece uma existência em particular –, mas como um meio que constrói forma permanentemente na manutenção de um pulso vital” (FAVRE, 1992). Encontramos, aqui, a possibilidade de acessar experiências de presença que despertem o corpo para a circulação dos afetos que se produzem no encontro remoto em uma situação deflagrada pela pandemia e pelos seus múltiplos efeitos no âmbito, ao mesmo tempo, individual e coletivo, pessoal e profissional.

Enquanto nossos corpos se abriam para esse novo campo de experimentação, começamos a questionar: como a presença se produz nessas condições e quais sensorialidades poderiam ser provocadas ou mesmo captadas com esta “nova” situação? O que aprendemos com os corpos nestes encontros? Questões que têm nos acompanhado particularmente em nossas experiências no ambiente online, mas também no modo presencial. É necessário reconhecer e entrar em contato com os diferentes e variados estados dos corpos, captar as diferentes dimensões que compõem uma presença. Entendemos que não basta estar em aula para que a presença seja garantida, mesmo no formato presencial. A pessoa pode estar de “corpo presente”, mas estar adormecida, pouco sensível, impermeável, enrijecida demais ou pouco porosa ao que se passa no encontro, entre tantos estados em suas múltiplas tonalidades.

Nos anos que antecederam a pandemia, observamos que já havia muita insatisfação e preocupação com o adoecimento de estudantes, docentes e funcionários das universidades. A formação acadêmica andava sendo tematizada pela excessiva burocratização das ações, pela demanda produtivista, assim como pela necessária busca de espaços de diálogo e modos de produzir engajamento, participação coletiva - uma forma de cuidado no âmbito de uma saúde coletiva. O sedentarismo intelectual, as chamadas "zonas de conforto" que estacionam o pensamento, aparece como pista de corpos anestesiados, distanciados em seus territórios de estudo e trabalho, na maioria

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) das vezes, doídos e sofridos, alertando sobre um incômodo silenciado ali onde deveriam agir/pensar/criar (POZZANA; KASTRUP, 2019).

Como nos indica Rolnik (2018), a respeito dos movimentos de “insurreição micropolítica”, percebemos que a pandemia expressa, agrava e amplifica muitas das questões que já vinham nos atravessando, inclusive o acirramento das desigualdades sociais e, portanto, também digitais. Durante a pandemia, o direito à educação dependeu, entre tantos outros aspectos, da capacidade adaptativa e inventiva resultante das diferentes condições de acesso à internet e às tecnologias digitais (MACEDO, 2022). Com as forças reativas do conservadorismo e do neoliberalismo temporariamente unidas, o mal-estar ultrapassa um limiar de tolerabilidade, um estado de alerta se instala na subjetividade.

Somos então tomados por uma urgência que convoca o desejo de agir. As respostas do desejo a essas situações traumáticas oscilam entre dois extremos: um polo reativo patológico, no qual nos despotencializamos e outro, no qual esta potência vital não só se preserva, mas tende a intensificar-se. (ROLNIK, 2018, p. 102).

Assim, as preocupações que trazemos sobre o ambiente online também se faziam e ainda se fazem necessárias no momento presencial. O que é presença? É estar presente ou ter presença? Como ativar ou construir vínculos de confiança que sustentam a continuidade do encontro? Como produzir uma faísca que atraia o corpo para o acontecimento que brota da experiência? Partimos da ideia de que produzir presença é muito mais do que fazer um “aquecimento” para a aula, por meio de jogos ou dinâmicas de grupo. A presença significa uma forma de estar ativo, de cultivar um corpo suficientemente poroso e sensível aos atravessamentos da situação, seja o corpo do/a professor/a ou do/a aluno/a, seja no modo presencial ou remoto. No modo presencial, não é o fato dos corpos ocuparem o mesmo espaço físico que garante a presença e a construção de vínculos. No ensino remoto, mesmo utilizando como protocolo o uso das câmeras abertas, por exemplo, nada garante a presença ativa e a conexão entre os participantes. São os/as estudantes que nos dizem, se tivermos abertura para escutar a experiência que acontece além daquilo que vemos, uma vez que os processos são vivos e estão em permanente reconfiguração. Isto significa manter-se à espreita do acontecimento.

Optamos, assim, por trilhar um caminho incerto, ambivalente, mobilizador e também alegre destas experiências que despontam como pequenas insurgências capazes de incidir na cena social, a partir dos problemas que se deflagram para poder prosseguir.

Um pouco mais das experiências que nos fazem pensar com o corpo

A primeira cena que abre este texto se refere à oficina “Corpo, movimento e expressão”, realizada com pessoas com deficiência visual no Instituto Benjamin Constant (IBC), no Rio de Janeiro, desde 2007. Diante da situação ameaçadora e restritiva, demos início à construção de um dispositivo que pudesse continuar disparando e acompanhando as práticas da pesquisa-intervenção e cuidasse da manutenção dos vínculos do grupo.⁴ Como a maioria das pessoas do grupo tem deficiência visual e não usa plataformas digitais no computador, partimos desde o início usando apenas áudios em nossas comunicações. Enviamos áudios, preparados com antecedência, propondo uma suspensão das posturas habituais, um esvaziamento das pré-ocupações, uma atenção às sensações, a evocação da presença, assim como a ativação do corpo por meio da mobilização das articulações e de movimentações corporais acompanhadas de músicas. A Nossa Tribo, como foi nomeada, passou a ser o modo como seguimos em grupo com a oficina e tratamos, como pudemos, da orientação e da mobilidade de seus participantes, da saúde e da disposição vital de cada um/a.

Nestas práticas, muito dos aspectos cognitivos da orientação e mobilidade que trabalhamos nestes anos estão presentes de modo afirmativo, propositivo: um modo de se dispor para uma atividade, trabalhando a presença, os apoios corporais, a respiração, modos de estar de pé e se mover no espaço, incluindo os afetos disparados pelo encontro, com música e outros elementos estéticos. Nossa atuação incide na percepção e nos sentidos (auditivos, táteis, gustativos, visuais e proprioceptivos), através de uma linguagem encarnada na condução das atividades e da possibilidade de explicitação da experiência. Tudo vai sendo acompanhado com um trabalho de deslocamento da atenção, que geralmente está voltado apenas para a vida prática, para a realização de tarefas, e passa a voltar-se para aquilo que se faz presente como experimentação de si na relação com os outros, a dança, a emoção que emerge do encontro grupal e daquilo que é falado e não podia ser antecipado.

Os diversos depoimentos enviados por áudio nas sextas-feiras ressaltavam a importância do grupo para a manutenção de uma disposição para a vida. Assim foi o modo como pudemos acompanhar como os participantes estavam passando enquanto o período de restrições e de crise

⁴ De abril de 2020 a novembro de 2021 os encontros aconteceram através de um grupo de WhatsApp, reunindo em média 15 participantes, toda sexta-feira de 9 às 10h, cada uma em sua casa. Mantivemos a regularidade dos encontros e realizamos 70 oficinas neste período. Contamos com a participação de uma estagiária do IP/UFRJ, Mayara Nascimento, que colaborou no planejamento, na condução e no registro dos encontros remotos. A quem agradecemos muito.

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) sanitária se alongava. Eles/as mesmos/as gostavam de saber como estavam as famílias e o astral de cada companheiro ou companheira.

"Com esta oficina me sinto segura para seguir de pé e circular por onde precisar". "Tenho menos medo dessa politicagem do mundo, de tanta notícia ruim". "Um aspecto que marca muito os nossos encontros é a dança, uma dança que não é qualquer dança, pois tem mistério, algo que nos leva além". "Me sinto bem, aprendo cada dia um pouco mais". "Preparo um lugar na minha casa, fecho a porta para não ser interrompida por netos e vizinhos e, quando vejo, sinto que estou no IBC, de mãos dadas com a nossa tribo". Nessas breves falas ressaltamos a implicação dos/as participantes na prática como um estudo de si, um aprendizado feito com o corpo, com a presença ativada, ao nos desligar por momentos da vida habitual atravessada pela realização de tarefas, do cuidado com os netos e das atividades domiciliares.

"Esses exercícios me fazem viver bem, posso respirar melhor", diz Cesário, que passou quase dois meses na enfermaria do Instituto Nacional de Cardiologia, aguardando uma cirurgia para implantação de um marcapasso. Às sextas feiras ele ouvia a oficina e, de alguma forma, se fazia presente, nos atualizando do seu processo e se alimentando com a circulação do grupo por ele.

Desde o seu início, ao final de cada encontro entoamos em conjunto o que eles inventaram como sendo nosso grito de guerra (ou grito de honra). Nilton, um senhor cego com 88 anos, costuma ser o puxador: "Atenção, grupo! Todos de pé, mãos coladas às laterais das coxas, cabeça erguida, esticando as mãos pro alto acima da cabeça, pensamento num mundo melhor, respira fundo...! Tomamos fôlego: um, dois, três e ráááááá!". Com vigor, todos descem o braço num grito conjunto. De modo cantado, Nilton segue: "O melhor lugar do mundo é aqui e agora!" E todos respondem: "O melhor lugar do mundo é aqui e agora!" Esta espécie de oração, de canto, seguiu sendo lembrada e corporificada a cada sexta-feira durante a pandemia, em um dos áudios finais por Whatsapp.

O aqui do grupo não era mais circunscrito pelo espaço físico do IBC, onde nos encontrávamos anteriormente. Estávamos juntos num espaço outro, ampliado e conectado nas distâncias, com nossas casas, outros objetos, afetos e pessoas. E o agora daquele momento em roda, coletivo, via áudios, não era exatamente um tempo sincrônico. Trata-se de uma presença ativada pela Tribo, por um aterramento capaz de acompanhar os acontecimentos e se orientar por eles. Assim, a escuta foi muito mais presente no processo do que qualquer imagem visual transmitida por telas. Como cada um podia enviar um áudio ao final (e era pedido que enviasse - pois só assim sabíamos uns dos outros), a participação de cada um/a foi mais distribuída. Todos, todas, qualquer um/a, se faziam presentes na voz, no espaço e no tempo criado com a oficina, com a Nossa Tribo.

A experiência com cegos e pessoas com deficiência visual nos chama a atenção por poder contribuir no cultivo das presenças sem o uso de câmeras. Ou nos fazer perguntar, como bem formula Vinciane Despret (2012, p. 2), “o que mudaria se o privilégio que concedemos ao visual fosse substituído por uma relação com o mundo do som?”.

A segunda cena do início desse texto aconteceu no módulo Trabalho em Equipe e Práticas Coletivas, oferecido a estudantes de graduação de diferentes cursos da área da saúde, no Eixo Trabalho em Saúde⁵ da Unifesp/Baixada Santista. Os objetivos estabelecidos previamente no plano de ensino se transformaram, no ambiente online, em uma grande aposta: produzir espaços de escuta e acolhimento, por meio de ações de promoção da saúde. Vislumbramos a possibilidade de produzir experiências de grupalidade com os estudantes, tecno-mediadas agora pelas telas de computadores e celulares.⁶

No primeiro encontro, a expectativa era bem baixa e a ansiedade bem alta: como seria nossa primeira aproximação? Propusemos que se alongassem, se esticassem, se percebessem e se abraçassem. Em seguida, convidamos para uma escrita coletiva em um mural virtual, para que compartilhassem quem eram, o que tinham feito na quarentena e como estavam chegando para o grupo. No segundo momento, passamos a planejar a próxima oficina e, enquanto nos preocupávamos em dar todas as orientações, uma aluna nos interrompe: “posso dar uma sugestão de atividade?”. Aos poucos, começaram a surgir práticas de consciência corporal, ferramentas digitais para provocar a discussão sobre as questões grupais, músicas e atividades para encerrar o encontro com o outro grupo.

Ao longo do semestre as oficinas seguiram bem seu percurso: fizemos yoga, falamos sobre as dificuldades da quarentena, compartilhamos estratégias de cuidado e não-violência, conhecemos o que as profissões de saúde inventaram durante a pandemia e ampliamos nosso repertório musical. Enquanto vivenciamos a experiência no ambiente online, muitas questões nos atravessaram: quais

⁵ O Eixo Trabalho em Saúde é um dos três eixos comuns que compõem o projeto pedagógico do Instituto Saúde e Sociedade (Unifesp/Baixada Santista). Oferece atividades de ensino para turmas mistas, formadas por estudantes dos cursos de graduação em Fisioterapia, Educação Física, Nutrição, Psicologia, Terapia Ocupacional e Serviço Social. Para saber mais, acesse o site: <https://trabalhoemsaude.unifesp.br>.

⁶ No ensino presencial, os estudantes desenvolviam atividades semanais ou quinzenais com diversos grupos que se encontravam nos serviços de saúde e socioassistenciais da região. Com a impossibilidade de retomar as atividades nas instituições por conta das medidas de distanciamento social, o módulo foi reconstruído no ensino remoto com o seguinte formato: quinzenalmente, cada turma de estudantes iria desenvolver atividades com outra turma de estudantes, ao que denominamos “oficinas vivenciais”. Intercalado a esses encontros, cada turma iria se reunir com sua própria docente para planejar as atividades da próxima oficina.

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) sentidos estão sendo produzidos sobre o que estamos fazendo? É possível estabelecer uma relação de confiança, por meio da tecnologia, que permita mergulhar na experiência do encontro? Quais palavras e elementos carregam a potência de despertar a presença para algo significativo que se passa neste espaço *online*?

Há, aqui, uma aposta em propostas de jogos e experimentos com câmeras, microfones e chats que exploram as materialidades das ferramentas de conexão. A tecnologia que, inicialmente, se apresentava como precária e limitadora da experiência, podia instaurar acontecimentos que escapassem dos protocolos esperados e produziam transformações no ambiente da aula. Trata-se de uma forma de impulsionar práticas pedagógicas e artísticas que ativam a produção de presenças tecno-mediadas. Essa disposição do corpo exige estar atento ao que produz “uma centelha, uma faísca, um lampejo especial de vida, uma atmosfera transformada inesperadamente e por alguns instantes, uma instigação sutil” (FEDERICI, LIBERMAN, GUZZO, 2021).

Passamos a pensar nas composições possíveis que instauram estados de ânimo e distintas qualidades de presença e que podem ser mobilizadas neste contexto tecno-mediado. Mapeamos os atravessamentos que ocorrem quando acionados pelos recursos que temos disponíveis, para que haja um engajamento simples e direto, um contorno possível para a ação, para fazer com que a experiência grupal ocorra, mesmo que não saibamos de antemão o que vai acontecer.

Dar e promover significado ao encontro tecno-mediado entre pessoas distanciadas pela situação pandêmica parece ter sido, simultaneamente, um gesto de cuidado e autocuidado, um gesto pedagógico de como sustentar um processo de formação e um gesto artístico de forjar uma experiência estética disruptiva em uma época de embotamentos e tristezas tão frequentes, banalizadas e normalizadas também dentro da universidade. (FEDERICI, LIBERMAN, GUZZO, 2021).

Aqui reside a dimensão política dessa aposta que visa tensionar e extrapolar os protocolos que desconsideram a experiência que se faz em ato, que envolvem imprevistos e caminhos singulares que se efetuam “no presente da experiência”. O uso de protocolos está repleto de automatismos, burocracias, obrigatoriedades e estratégias disciplinares. Especificamente na área da saúde, na qual também fazemos parte, em sua forma usual de agir, um mesmo protocolo é usado em várias situações distintas e únicas, nas quais se consideram que os conhecimentos técnicos e a competência para intervir sobre o corpo do outro, prescrevem ‘modos corretos’ de levar a vida, de viver (FRANCO; HUBNER, 2019). No uso das ferramentas, esta submissão aos regramentos também se faz presente.

A exigência de câmeras abertas, o uso certo do chat, o enquadramento correto do rosto, o momento de ligar ou desligar o microfone, são exemplos disso. Uma proposta que visa desenquadrar,

deixar vazar formas de estar presente e se engajar na experiência. Não nos interessa medir a qualidade do engajamento, definir o que significa estar ausente ou ter a presença ideal, mas afirmar que a ativação da presença acontece pelo desejo e pela necessidade de compartilhar questões que são comuns. São os encontros que nos interessam na construção de presenças possíveis. Processos que acontecem em ato e produzem pequenos acontecimentos capazes de instaurar transformações nos corpos que habitam o presente.

Em um dos encontros, foi proposta uma oficina de Mandalas conduzida por duas estudantes. A única câmera aberta era da aluna que dava as consignas para a construção da mandala, enquanto seu vídeo mostrava o desenho que ela estava fazendo. Outro estudante abriu seu áudio e colocou uma música livre de vocais e com muitos sons de natureza para inspirar a atividade. Todos os demais estudantes estavam com as câmeras desligadas, sem sabermos se estavam executando a proposta. Ao final, a aluna que conduzia pediu para que todos postassem seus desenhos em um mural virtual. Muitas mandalas com cores e formatos diferentes foram compartilhadas por aqueles que participavam do encontro. Seus corpos estavam ali, presentificados nos desenhos e no relato de como foi a experiência de fazê-lo.

A terceira cena que inaugura este texto relata a experiência do projeto “Arte, corpo e acessibilidade estética e cultural”, realizado desde 2009, também no eixo Trabalho em Saúde da Unifesp/Baixada Santista. O desafio para a continuidade deste projeto era se manter conectado a um grupo de mulheres que moram na região Noroeste de Santos. Com a interrupção dos modos de fazer presenciais,⁷ nos sentimos impulsionados e desejantes em estabelecer outros caminhos para a conexão, para o prosseguimento, a sustentação dos vínculos e daquilo de bom que havíamos sempre conquistado. O que tínhamos “a mão”? O computador e as ferramentas virtuais, além do velho e bom telefone fixo que uma delas ainda tinha e os celulares ainda pouco explorados por estas mulheres que, em sua maioria, não eram jovens, salvo uma delas que já se comunicava conosco pelas redes sociais.

Toda esta situação nos fez novamente retornar às questões que já vínhamos pesquisando: a presença. É possível estar presente no ambiente online? É possível construir grupalidade, sustentar e criar vínculos, construir o que chamamos de uma “presença comum”? Como cuidar das desigualdades

⁷ O trabalho, antes presencial, acontecia semanalmente com a saída de uma van da Universidade com os/as docentes e alunos/as em direção ao “outro lado do morro”. Ali, e a cada vez, íamos fazendo o que chamamos da colheita que consistia em passar na casa de cada uma delas para levar a um equipamento de cultura do bairro, para promover experiências as mais variadas, regadas com muita música, conversa, danças, projetos artísticos, jogos, passeios, lanches, afetos e, principalmente, viabilizar o encontro coletivo pautados no desejo e na busca da “alegria”.

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) e diferenças nas experiências de acesso às ferramentas, considerando a vida de cada uma daquelas mulheres? Poderíamos seguir construindo um ambiente formativo e confiável (FAVRE, 2004; KELEMAN, 1992), coletivo, lugar de suporte e de criação?

Tânia, participante deste grupo de mulheres, é uma mulher negra, de meia idade, com anéis por todos os dedos, cabelos curtos (agora mais brancos), vez ou outra titubeando nas palavras, por conta, talvez, das medicações que precisava tomar. Seus movimentos sempre foram “meio nômades”. Não sabíamos ao certo onde Tânia morava, onde devíamos buscá-la ou se tínhamos que esperar a sua chegada ao grupo. No entanto, frequentemente, Tânia era encontrada na casa de uma amiga que era participante do grupo ou ela aparecia no Arte no Dique, equipamento de cultura da região onde realizamos as atividades no “presencial”. Gostava de estar conosco, se alegrava, falava “besteiras”, ria. Havia um vínculo forte ali presente.

No ambiente *online*, acompanhamos, muito concentrados/as, seu corpo e olhar voltados para a tela, trazendo, a cada momento, muitas narrativas que diziam de seus gostos, dos seus dias, do seu prazer em escutar, dançar um forró e novamente das saudades. O grupo, sensível e atento a tatear as experiências ligadas às artes, aquilo que “alegra” as vidas (práticas de vitalização), rapidamente se moveu para colocar um forró na “roda-galeria”. O corpo de Tânia se levantou, o giro se fez presente, passinhos que atravessaram os limites impostos pela tela do computador. Seu corpo se moveu pela música. Música que envolve o corpo contagiando nossos corpos a entrarem na dança. Foram, a nosso ver, momentos mágicos onde rituais para estar presente em frente ao computador se extravasam, se ampliam criando um clima dançante, festivo e surpreendente. Rápido, divertido, prazeroso, intenso. Alguns corpos fincados na cadeira deixavam livre o movimento de cabeças, tronco e, talvez, braços. Outros corpos, por vezes um pouco menos envergonhados, se levantaram das cadeiras experimentando passinhos no pequeno espaço onde cada um/a se encontrava. Foi uma alegria só. Um acontecimento pequeno e imenso! Contra as adversidades, a arte ! (THOMPSON, 2021).

Estes momentos, entre tantos outros por vezes fugazes, singelos e marcantes, aconteciam em meio a muitos desafios. Entre os inúmeros desafios, podemos citar a despotencialização que muitos estudantes viviam pela impossibilidade em vivenciar os encontros “de carne e osso” promovidos pelo cotidiano universitário, a série de questões pessoais, familiares, objetivas e subjetivas de cada um/a de nós. Para alguns/algumas docentes, como nós, a urgência, a necessidade e o desejo em também aprender rapidamente os recursos das ferramentas virtuais para nos adaptarmos a toda uma outra condição de trabalho, repensando prioridades, possibilidades, urgências, problemas e potências, neste contexto que se soma a uma crise planetária (climática, política, econômica e social), particularmente no Brasil.

Também em relação às ferramentas, o desafio era atentar às capturas provocadas pelos protocolos comportamentais e comunicacionais que exigem certo tipo de presença no ambiente online. Captar, também, e construir presença, ativando outras sensorialidades, outras potências deste corpo multimídia (FAVRE, 1992, 2004). E tantos outros.

Friccionando ideias e cruzando experiências

Interessa-nos, agora, debruçar sobre as experiências descritas acima, retomando as questões que nos atravessaram em cada uma delas e buscando mapear as possibilidades de produção de presença na construção da grupalidade no ambiente *online*, mas não apenas nele. Buscaremos analisar o sentido ético, estético e político que emerge dessas experiências e os regimes de afetabilidade que foram produzidos nesse momento.

Há um germe comum do qual partimos para analisar as experiências narradas: como o ambiente online pode ser potente na experiência grupal, provocando faíscas que façam o corpo transbordar os limites impostos pelo uso ‘frio’ da tecnologia? As pistas que apresentaremos buscam dar contorno aos afetos e às sensorialidades que foram provocadas exatamente porque vivemos um momento tão inusitado. Visam mapear os acontecimentos que foram sendo construídos em situações que pareciam impossíveis.

Que tipo de presença é possível se estabelecer com as plataformas remotas? Parecia que o processo formativo estava pautado mais intensamente na articulação fina entre as artes, os encontros entre corpos e os processos de cuidado. Fomos observando que esta composição poderia nos permitir práticas de aterramento no virtual, práticas de vitalização ao estarmos juntos/as, uma presença comum, a possibilidade de seguir criando, imaginando, inventando outros possíveis. Também se evidenciou, mais uma vez, que os pequenos movimentos, deslocamentos e ações que se encontram, muitas vezes, no regime de invisibilidade, ou que ocupam um lugar de “pouco reconhecimento”, faziam toda a diferença para que pudéssemos dar ensejo a acontecimentos im-possíveis (DERRIDA, 2012).

Para isto tínhamos que exercitar, o máximo, uma atenção fina à voz, aos tons, às palavras e aos silêncios. Em uma conversa telefônica ou em um encontro com ou sem a ativação do vídeo, precisávamos exercitar uma atenção/presença para suspender ou sustentar os julgamentos e vergonhas, para mostrar e “fazer caber” os quartos, as camas, os bichos, as paredes, as janelas e/ou a falta de luminosidade, as bagunças e os diferentes ordenamentos nos ambientes/mundos de cada

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) um/a. Conquistar uma presença suficiente para poder soltar a voz, cantar, dançar e/ou fazer aula com algum familiar ali presente, que ora era convidado a participar, ora simplesmente atravessava o espaço bagunçando protocolos e anseios de controle ou "adequações". Tínhamos que provocar e ativar, talvez mais intensamente, outros regimes de sensorialidades e afetabilidades deste corpo multimídia (KELEMAN,1992).

Atravessadas por estas e tantas outras questões, buscamos, a cada encontro realizado na plataforma remota, pensar e inventar dispositivos de construção de presença para envolver o grupo. A proximidade com as práticas artísticas, com as diferentes linguagens, com um trabalho com foco no/pelo corpo em suas múltiplas possibilidades, nos permitia e impulsionava criar e jogar com todos os atravessamentos desta situação.

O conceito de presença se associa a uma outra forma de pensar a atenção conjunta (CALIMAN; CÉSAR; KASTRUP, 2020; CITTON, 2014), porém, neste texto, recorreremos ao diálogo com os artistas. As experiências e performances da presença na cena teatral levam ao questionamento de como, quando e por quais processos, fenômenos de presença são produzidos e recebidos. São lentes que ampliam formas de abordar e analisar atos de presença em que se definem os fenômenos de si, do outro e do lugar. A 'presença' que ocorre em atos situados não só convida a consideração da experiência individual, mas também direciona a atenção para o social e o espacial, provocando um exercício de 'co-presença' que interfere nas formas de percepção e habitação do lugar. Presença implica certa temporalidade que está ligada a inscrições do passado no presente (GIANNACHI; KAYE; SANKS, 2012). Inspirados nessa ideia, as especulações sobre a produção de presença no ambiente online nos fazem questionar sobre como criamos relacionamentos com o que se apresenta como potência desse formato.

Partindo de uma "filosofia pop", para escapar dos dualismos que vem norteando a maioria dos debates e projetos artísticos em torno da presença x ausência, seria talvez mais interessante tomar o conceito de acontecimento (FERRACINI; FEITOSA, 2017). A categoria "presença" é quase um dogma para os artistas e particularmente para a performance. Para a perspectiva filosófica, o "discurso de exigência de presença, essa crença de que é fácil e possível para nós humanos se instaurar no aqui e agora" é bastante incômoda, uma vez que a experiência do que muitos chamam de "presença pura" é inacessível aos humanos (FERRACINI; FEITOSA, 2017).

Os objetos e os animais (de maneira geral) a nossa volta estão presentes, quer dizer, disponíveis, fora do fluxo do tempo, em um aqui e agora eterno, mas nós não. Nossa condição existencial nos impede, por mais que queiramos, de estar presentes, por isso é tão difícil se concentrar em uma palestra ou em uma aula. E quanto mais

lutamos para estar plenamente presentes, mais nos distanciamos da imediatividade de uma situação. (FERRACINI; FEITOSA, 2017, p. 109).

O discurso de elogio à presença, tanto na vida quanto nas artes, é marcado pelo desejo nostálgico de eternidade, como um modo de evitação do fluxo da temporalidade que nos causa tanto sofrimento, pois sabemos que vamos morrer. Neste sentido, quando conseguimos “desligar” a nossa memória do passado e do futuro, através das drogas, das artes, do esporte ou do sexo, (talvez até mesmo da sensação de um “estar presente”), sentimos uma imensa alegria e sensação de leveza incomuns (FERRACINI; FEITOSA, 2017).

Problematiza-se, também, a consigna de que talvez a presença “não exista”. A partir do campo epistêmico da experiência prática, do corpo em ação física na relação com o outro, busca-se a “construção poética de encontro” (FERRACINI; FEITOSA, 2017, p. 112). A presença pode ser definida como uma força e não um objeto ou atributo, no caso, do artista, e só pode ser definida e sentida na relação entre os corpos. No campo das artes cênicas, a presença é uma força que se intensifica e potencializa uma relação corpórea que pode transformar os corpos envolvidos. Portanto, a presença é coletiva e, quando pensada radicalmente, trata-se da criação de uma relação de jogo potente e poética, efeito de uma zona de forças em relação, ampliando o poder de afetar e ser afetado (FERRACINI; FEITOSA, 2017).

Poderíamos, talvez, inferir que estados de presença só podem ser possíveis em relação a outros corpos, suas porosidades e suficiente abertura ao outro para “gerar intensidade coletiva que estreita a relação entre presença e antropofagia” (FERRACINI; FEITOSA, 2017).

Recorremos, também, à ideia de acontecimento como fundamental para se pensar a presença em contextos quando tudo parece impossível, quando esperamos que nada vai acontecer, mas, quando se percebe, o estado do corpo se modifica. Há algo que apreendemos do olhar, da voz, do corpo, pequenos gestos que falam de presença. O acontecimento se faz por uma surpresa absoluta, por algo que deve cair “no colo”, sem que haja um horizonte de espera, sem que se preveja e se prediga o que vai acontecer. Por essa impossibilidade de previsão, é preciso permanecer desarmado diante da vinda sempre única e imprevisível do acontecimento, sem deixar de se colocar à espreita dele. Aqui reside a ideia de que falar do acontecimento é im-possível, isto é, não é somente impossível, mas é também a condição ou a própria experiência do possível (DERRIDA, 2012).

Podemos lembrar das primeiras experiências apresentadas no texto, como quando Eronides desabafa com o grupo que procura não lembrar que faz a prática só com um celular pois sente solidão; quando o grupo de estudantes propõe uma playlist coletiva para que todos compartilhem músicas que

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) ouviam para suportar a pandemia; ou ainda quando é o computador que permite com que Tânia se conecte com o grupo de estudantes e se contagie com a música colocada na tela. Os sentimentos vão derivando com outros relatos em que a tecnologia não fica na roda como vilã, faz parte da oficina conectando pessoas e o que acontece na experiência.

O encontro com o inesperado é produzido por uma trama convocada por presenças diversas, mobiliza relações fixas entre os objetos, os humanos e não humanos que compõem a paisagem da experiência. Detectar a trama que acompanha o ato de conhecer e de criar mundos é uma forma de se aproximar do que engendra o pessoal e o coletivo, do conhecimento concreto e seus efeitos políticos, éticos e estéticos. É uma forma de agir, conhecer e criar sem saber, de antemão, o que nos acontece e, por isso, requer uma atenção aberta aos processos em curso no plano da experiência. A formação para esta posição subjetiva deve ser acompanhada por processos de corporificação compostos pelos afetos em trânsito (POZZANA, 2013).

Há sempre uma ação guiada pelo corpo que percebe e experimenta a situação, a partir de uma percepção local e concreta. Para Varela (1996 *apud* POZZANA, 2012), há uma prontidão-para-ação em relação às situações encontradas, que constituem microidentidades e micromundos, entendidos como construções emergentes que surgem de um fazer situado e nos coloca em relação direta com o concreto da experiência. São disposições à ação, modos de agir e perceber as situações que não são dadas, nem antecipadas e nem tomadas por regras gerais e abstratas, mas que produzem pontes entre o corpo corpóreo e a dinâmica social em que vivemos.

A aposta na invenção de práticas e dispositivos que ativem a presença em ambiente online é um convite para um campo de experimentações que organizem o corpo para as possibilidades que se apresentam no encontro entre corpos. É uma forma de organizar a presença para o que não se espera que vai acontecer. Convite que se faz necessário não apenas neste ambiente, mas em qualquer atividade que realizamos. São estratégias pedagógicas que não se confundem com “práticas corporais”, nem em “trabalhar com dança”, muito menos com atividades para “quebrar o gelo”. São práticas de ativação da presença que traduzem um modo de pensar as coisas da vida, de organizar o corpo para produzir uma experiência encarnada, que não seja apenas mental. Não há uma dissociação entre a finalidade destes exercícios e o que se entende por “aula” ou “oficina”.

Aqui, interessa-nos pensar, a partir das experiências narradas, como produzimos essas sensorialidades, partindo do pressuposto de que não fazemos qualquer coisa e nem de qualquer jeito. Há um modo artesanal de fazer que atravessa a dimensão sensível da experiência e que se utiliza daquilo que temos disponível. Na oficina “Corpo, movimento e expressão”, as pessoas continuaram a fazer os movimentos em suas casas, fora do espaço físico em que ocorre a atividade, porém, isso só

foi possível pela relação que se estabeleceu com a tecnologia. O que nos interessa é entender como potencializar aquilo que, na relação tecno-mediada, possibilita que os/as participantes da oficina, assim como Tânia no encontro com os estudantes, se levantem e dançam. Há toda uma ativação do corpo por meio de intensidades e sensorialidades que se conectam ao que estão vivendo do outro lado da tela do computador ou celular.

Consideramos que há uma relação ambígua entre os prejuízos do modo remoto frente ao modo presencial. Por um lado, avalia-se que as experiências presenciais eram muito mais intensas e que as experiências grupais seriam impossíveis de serem vivenciadas por meio das telas. Por outro lado, a tecnologia permitiu que inventássemos dispositivos interessantes que permitiram a construção coletiva da experiência. Precisávamos exercer a criatividade ao descobrir recursos e ferramentas digitais que pudessem ativar a presença para o acontecimento da aula, pois, afinal, o que tínhamos à mão eram os dispositivos tecnológicos.

Em uma atividade da aula de Trabalho em Equipe e Práticas Coletivas, os estudantes deveriam apresentar-se por meio de objetos que os acompanhavam no período da pandemia. Muitos escolheram o computador, o HD externo, o celular, pois é por ali que a vida social, afetiva, profissional estava passando. Relataram que, se o computador parar ou o celular ficar sem bateria, é como se a vida social parasse também, sentem-se incomunicáveis com o mundo fora da tela. Os dispositivos tecnológicos como extensão do corpo se intensificaram ainda mais com a pandemia. Nos deparamos com o desafio de incorporar a tecnologia em nossas vidas, porque, na pandemia, era uma ferramenta essencial para encontrar, estudar, pesquisar e criar com os outros.

O perigo do modo remoto é intensificar a dimensão mental e apagar o corpo da experiência, tomá-lo apenas por aquilo que aparece na tela - dos braços para cima, esquecendo o resto do corpo como se ele não precisasse existir. Essa dissociação pode produzir muita desconexão, mas, também, pode produzir muitas conexões. Há uma mutação do corpo, uma adaptação para que o dispositivo se torne um pedaço do próprio corpo (FAVRE, 2021).

Ao mesmo tempo, torna-se um processo assustador quando falamos perto do celular e o dispositivo devolve tudo o que temos interesse, transformando-nos em dados. Se não há volta ao mundo pré-tecnologia, como ativar o corpo e não ficar na frequência da máquina e dos dispositivos eletrônicos? A pista é pela criação - um intervalo em que se sente que não há só submissão, responsividade pura e resposta reativa. As práticas de aterramento e produção de presença são fundamentais para não sermos apenas reativos ao que estamos vivendo. Falar das experiências que

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) vivemos nesse momento é um jeito de mostrarmos como elas são aterradas no corpo. E isso não é algo óbvio.

Mapear os regimes de afetabilidade exige um trabalho cartográfico construído enquanto se vive o processo, não com a intenção de representá-lo, mas de acompanhá-lo. Exige um tipo de presença atenta à produção individual e coletiva e às marcas deixadas no corpo. Um corpo que se deixa afetar pelo mundo e que está aberto às sensibilidades que o percorrem, para dar conta das intensidades vividas no encontro. Um corpo cartógrafo construído, mesmo que momentaneamente, a partir do mergulho que faz em seu campo de experimentação e por aquilo que o faz vibrar em todas as frequências possíveis. Quando nos questionamos o que pode o corpo, seguindo a perspectiva de Spinoza, "instalamos-nos no terreno das sensibilidades produzidas nos processos de subjetivação que definem modos de olhar, viver e se relacionar com a intenção de deslocar, problematizar, criar pequenas e potentes possibilidades de aproximação com o campo da corporeidade" (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185).

Não há um modelo, nem fórmulas prontas, mas podem haver rituais que preparem o corpo para entrar neste estado de prontidão e presença. Uma certa porosidade para que o mundo possa atravessá-lo e tocá-lo. Indicamos o conceito-experiência de ritual para nos deslocarmos da ideia de protocolos, tão presente no campo da saúde. Para nós, significa ritualizar alguns de nossos dispositivos: construção de presença, estar em roda, fechar os olhos para conectar-se com o próprio corpo e ambiente, usar a escrita de diários e narrativas no percurso formativo e acompanhar processos de criação de nossos/as estudantes, entre tantas guias que facilitam a promoção de encontros como acontecimentos. Colocamos-nos muito distantes de uma ideia "protocolar" pautada em estratégias automatizadas e desconectadas do presente e de suas surpresas.

Criar rituais significa presentificar e habitar a experiência. Para Riciere e Castanheira (2016), quando nos remetemos às origens do Teatro, chegamos aos rituais e cerimoniais religiosos. Buscando dissociar-se deste sentido, Grotowsky (*apud* RICIERE; CASTANHEIRA, 2016) trata a ritualidade como um sistema de signos, um ritual coletivo que acontece entre os espectadores e os atores. No ritual religioso há uma conotação de sagrado, encantado, divino, uma espécie de magia, enquanto que o ritual no teatro é uma espécie de jogo. Para Richard Schechner (2012 *apud* RICIERE; CASTANHEIRA, 2016), existe uma íntima relação entre a Performance, o Jogo e o Ritual. O ritual

LIBERMAN; POZZANA; DOMINGUES
é memória em ação, mas não está apenas conectado a uma lembrança de algo que já passou, está também ligado ao modo como o corpo se relaciona com objetos ou símbolos⁸.

Há uma direção que guia os atos em correspondência às situações e à capacidade de compor com a configuração de uma determinada paisagem, uma emergência do senso comum, uma forma de saber lidar com o presente imediato (LIBERMAN; LIMA, 2015; POZZANA, 2012).

Trata-se de um exercício permanente de sensibilidade, de vitalização de corpos e relações, com aproximações e afastamentos que ampliam e redimensionam repertórios pessoais, existenciais e profissionais, para que o corpo amplie sua capacidade de afetação. (LIBERMAN; LIMA, 2015, p. 185).

Nas experiências grupais, reconhecemos que o encontro com a alteridade produz perturbações na existência, provoca turbulências que podem engendrar novos regimes de afetabilidade em relação aos processos anestesiados e automatizados, para dar passagem aos novos modos que pedem expressão. Um dos guias deste exercício de vitalização é a afirmação da potência da materialidade dos corpos, cada vez mais urgente em um mundo tecno-mediado e capturado por tecnociências que tendem a separar o observador de sua corporeidade. Trata-se de explorar sua potência para produzir conexões, encontros, composições e mundos. Não há formas inteiras e fechadas, há um sistema relacional em estado de autoprodução permanente, cuja ativação ocorre pela intensa fricção entre corpos, entre corpo e mundos, entre mundos. Outro guia para a experimentação é “colocar-se à espreita”, isto é, criar estratégias de aproximação para que o outro se torne presença viva em nós. Para se colocar à espreita dos acontecimentos é preciso realizar pousos, ativar memórias no/do corpo que contribuam na construção de um estado de presença. Outro guia, ainda, é a invenção de práticas e dispositivos que favoreçam a instauração de um corpo de cartógrafo - um corpo aberto ao campo dos afetos e ao plano das intensidades e, ao mesmo tempo, atento às possíveis linhas de fuga que atuam na contramão daquilo que o anestesia (LIBERMAN; LIMA, 2015). Estes guias podem ser norteadores de experiências sutis, mínimas, quase invisíveis, mas que mobilizam o corpo para qualidades como atenção, presença, disponibilidade e sensibilidade, que acontecem tanto no ambiente online quanto no presencial.

⁸ Sobre o conceito de ritual, segundo Riciere e Castanheira (2016, p. 26), “existem práticas e teorias em continentes e por vezes com propósitos diferentes”. Dada a complexidade da questão, propomos deixar em aberto um estudo mais aprofundado sobre os rituais em si e as experiências que envolvem os rituais. Para todos estes autores, tanto o jogo como o ritual transformam o corpo que aqui nos interessa pontuar.

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s)

Em nossas experiências, pudemos perceber como fomos inventando modos de fazer e presentificar que escapassem dos esquemas já conhecidos. Entendemos que os protocolos que exigem “bom comportamento” no ambiente *online* restringem a capacidade conectiva do próprio corpo com a imagem que já existia antes, como os cheiros do ambiente, a própria visão do corpo e daquilo que o corpo pode. Consideramos que a dimensão sensorial pode se comunicar de outras formas que não seja apenas visuocentrada e que há outras formas de modulação e ativação das sensorialidades. Sem fazer uma ode ao formato remoto, em que as experiências sensoriais são acessadas apenas pelo celular, tensionamos, aqui, a potência dos modos como utilizamos a tecnologia para não deixar a vida ser capturada e capitalizada por algoritmos que são usados para nossa manipulação. Entendemos que, quando a tecnologia permite o encontro, pode produzir presença e ocorrer uma vitalização que escapa a essa captura.

Nossas apostas carregam um sentido político porque faz quebrar os regimes protocolares. Há outros e variados caminhos de conexão que se apresentam agora. Há uma intensidade de acontecimentos que ocorrem no chat de uma aula online, em paralelo com o que se passa na cena principal. Em uma aula na pós-graduação, os/as estudantes tinham que se apresentar por meio de um gesto. Uma participante fez um gesto de choro e depois escreveu no chat: “meu pai está com Covid no hospital”. Foi preciso interromper a continuidade da apresentação e dizer: “está acontecendo isto!”. Um exercício para aterrar o corpo para os afetos que se produziam ali. Em uma situação protocolar, continuaríamos a apresentação, enquanto o chat estaria repleto de manifestações de solidariedade. Em outras situações, pode-se entrar no jogo e se comunicar pelo chat. O chat pode ser o fundão da sala, a conversa paralela, e, também, a troca de reflexões e comentários que estão visíveis para todos, não apenas para um interlocutor intencional. Como incorporá-lo na aula, considerando que ele faz parte dela e por ele circulam afetos que, talvez, não puderam ser expressos por meio da fala? Os protocolos automatizados impedem a expressividade e os germes que estão querendo brotar. O que estamos vivendo tem a ver com a produção de novos modos de funcionamento, expressividade, afetabilidade e criação.

Para escapar dos protocolos é preciso olhar o que temos à mão. Mergulhar na experiência e continuar a conexão por outros caminhos. Há uma exigência de manejo técnico da ferramenta que ajuda a se conectar. Importa que os afetos, e não as técnicas em si, guiem as experiências. Em algumas situações vivenciadas por nós, as palavras saudade e solidão mobilizaram o grupo, ativaram memórias, resignificaram sentidos, aproximaram as pessoas e produziram cumplicidades.

LIBERMAN; POZZANA; DOMINGUES

[...] a palavra é corpo e, na literalidade, conecta um grupo ao plano de forças. [...] palavra-imagem que toca, reverbera em cada um, compõe (ativa) corpos de sensação. Não nos referimos a qualquer uso da palavra e sim daquele, em sintonia com o que acontece nos corpos e entre eles, no corpo em movimento pelo espaço, no espaço habitado por corpos - afetos em trânsito. A palavra encarnada, assim como uma mão, toca e é tocada quando partilhada. (POZZANA, 2012, p. 331).

A formação desse corpo-palavra parte da criação de modos de dizer, fazer, perceber, sentir e conhecer que não se separa do mundo, dos objetos humanos e não humanos em circulação. É um processo que ocorre no plano dos afetos e que implica o acompanhamento constante dos efeitos das práticas.

As práticas que visam desenvolver a presença envolvem um processo de formação do corpo e requer a desidentificação dos hábitos que são executados automaticamente, o desprendimento das aprendizagens dadas, o desmanchamento das respostas que são desconectadas da experiência (VARELA, 1996 *apud* POZZANA, 2012). “O aprendizado é literalmente corporificado e criado; requer tempo e espaço, respiração, articulação, atenção, disponibilidade para o desconhecido” (POZZANA, 2012, p. 332).

Reiteramos que, no processo formativo, seja no ambiente online ou presencial, o corpo é lançado para muitos lugares diferentes, como se não fosse possível manter-se em um lugar só. A experiência grupal favorece que os corpos possam se presentificar no encontro. Para habitar com o corpo a experiência do acontecimento é preciso pousá-lo, aterrará-lo no presente. Um exercício importante para lidar com o que vivemos de forma tão inesperada como a pandemia.

Ao longo das experiências narradas, fomos encontrando caminhos de conexão entre os participantes dos grupos, inventando formas de se manter perto e perto do próprio corpo, com tudo o que estava acontecendo à volta. Se antes a conexão ocorria de mãos dadas ou sentados/as em círculo, nesse momento inusitado ocorre por meio de áudios, mensagens de textos e vídeos trocados pelo WhatsApp.

Assim, questionamos: o que podemos com o que temos? Podemos produzir recursos de aterramento no ambiente que nos encontramos, seja online ou presencial.

Para finalizar e ir um pouco mais

Aterrar os corpos, habitá-los, mesmo com o distanciamento físico e, neste momento, predominantemente mediado pelas tecnologias digitais, nos levou a inventar, atentamente, experiências de presença e criação através de dinâmicas as mais variadas. Funcionaram como

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s) dispositivos para instaurar estados lúdicos, de produção de desejo, de ativação de outras sensibilidades e sensorialidades pouco comuns para muitos de nós "desde sempre". Foi (e ainda é) neste campo sensível e desafiador que temos buscado navegar por entre as dificuldades, mas, também, nos arrebatado pelas pequenas, mas intensas surpresas de todo este processo. Qualificar e desejar o quase im-possível.

Aterrar não se faz necessário apenas quando os pés estão fixos em um mesmo chão, como no ambiente presencial. Não nos interessa aterrar apenas quando voltarmos às atividades presenciais, mas mapear como podemos aterrar os corpos, sustentar as intensidades vividas no presente e dar sustentação para a experiência que temos. A transição de um formato para outro não pode desconsiderar que o que vivemos neste momento está acontecendo aqui e agora. Escrever este texto, neste período de transição, nos ajuda a pensar (ou, ao menos, nos perguntar) o que deve continuar e o que deve parar de existir, o que funciona e o que não funciona em nossos processos formativos. Pode ser uma contribuição para analisar o que vale a pena seguir e como prosseguir.

Há um grande aprendizado que continua a acontecer, por isso, não podemos abrir mão do que aprendemos e vivemos. Não se trata de ser a favor do ensino à distância e nem considerar o que vivemos como sendo "a" experiência. Temos críticas a esse formato. As questões contemporâneas ligadas à formação universitária e, de modo geral, às práticas de produção de subjetividades e mundos, são formuladas e reformuladas a pleno vapor com os múltiplos acontecimentos globais/planetários. A crise sanitária com o coronavírus vai ganhando nuances e vivenciamos uma volta às atividades presenciais, mas é impossível não lembrarmos que trata-se de uma crise dentro de uma outra maior, ecológica, relacional, existencial.

Precisamos avaliar, individualmente e em nossos grupos, como seguirmos, quais gestos precisam ser barrados e quais outros seguem sendo articulados nesse mundo (LATOURET, 2020). Importa sair da produção como único princípio de relação com o mundo. Para nós, importa acompanhar os efeitos daquilo que fazemos e os regimes de afetabilidade que nos constituem. Há um jeito de se tratar as experiências formativas que exigem disposição para criar interesses e interações. As aulas teóricas não são feitas para se falar apenas dos autores, mas para produzir experiências e aprender a pensar com eles. É uma forma de sair mais vitalizado, mais aterrado.

A indicação que dá título a este texto "Eu não quero mais pensar a não ser com o meu corpo" é inspirada em Kuniichi Uno (2012, p. 55). Para nós, é uma pista de como seguir afirmando potências vitais, mesmo que germinais, considerando que há sempre um inesperado por vir.

Como pudemos perceber, desafios e questões não nos faltam. Tratamos neste texto de cartografar algumas delas, buscando, em meio a todo este processo em curso, registrar, expor,

assimilar e elaborar algo para quem sabe, projetar e sonhar outros futuros, sempre aterrados e vitalizados pelos nossos (des)encontros e experiências.

Referências

ARTES, A.; RICOLDI, A. Acesso de negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 158, p. 858-881, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143273>. Acesso em: 3 nov. 2022.

CALIMAN, L. V.; CÉSAR, J. M.; KASTRUP, V. . Práticas de cuidado e cultivo da atenção com crianças. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 166-195, 2020. DOI: 10.5965/198431781642020166. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17887>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CASTRO, J. Evolução e desigualdade na educação brasileira. **Educação & Sociedade**, v. 30, n. 108, p.673-697, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000300003>. Acesso em: 3 nov. 2022.

CITTON, Y. **Pour une écologie de l'attention**. Paris: Seuil, 2014.

CORPO, adaptação e desejo de seguir. Aula com Regina Favre. In: JORNADA INTERNACIONAL – DESCOLONIZAR OS CORPOS, 11 jul. 2021. 1 vídeo (107 min). Canal Filosofia em movimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kfLFXPh3bZM>. Acesso em: 14 jul. 2022.

DERRIDA, J. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. **Cerrados**, [s. l.], v. 21, n. 33, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26148>. Acesso em: 7 dez. 2021.

FAVRE, R. Apresentação In: KELEMAN, S. (org.). **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1992. p. 9-10.

FAVRE, R. Viver, pensar e trabalhar o corpo como processo de existencialização contínua. **Reichiana**, v. 12, n. 13, p. 75-84, 2004.

FEDERICI, C. G.; LIBERMAN, F.; GUZZO, M. L. A presença na sala de aula virtual – notas sobre a presença e o saber da presença. Jornada internacional – atuação e presença. **Anais Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas - LUME e PPG Artes da Cena**[on-line] n.6, 2021. Disponível em: <https://orion.nics.unicamp.br/index.php/simposiorfc/article/view/725>. Acesso em: 11 nov. 2022.

FERRACINI, R.; FEITOSA, C. A questão da presença na Filosofia e nas Artes Cênicas. **Ouvirouver**, [s. l.], v.13, n.1, p.106-18, 2017. DOI: 10.14393/OUV20-v13n1a2017-8. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/37043>. Acesso em: 14 jul. 2022.

"EU NÃO QUERO MAIS PENSAR A NÃO SER COM O MEU CORPO": práticas para aterrar e cultivar presença(s)

FRANCO, T. B.; HUBNER, L. C. M. Clínica, cuidado e subjetividade: afinal, de que cuidado estamos falando? **Saúde em Debate** [online], v. 43, n. spe. 6, p. 93-103, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042019S608>. Acesso em: 14 jul. 2022.

GIANNACHI, G.; KAYE, N.; SHANKS, M. (org.). **Archaeologies of Presence: Art, Performance and the Persistence of Being**. Londres: Routledge, 2012.

KELEMAN, S. (org.). **Anatomia emocional**. São Paulo: Summus, 1992.

LIBERMAN, F.; ANDRADE, L.F.; BIANCHI, P.C.; GODOY, P.C. Delicadas experiências formativas: tessitura de espaços de cuidado e ensino com grupo de estudantes universitários durante pandemia. **Interface**, Botucatu [online], v. 26, e200842, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200842>. Acesso em : 11 nov. 2022.

LIBERMAN, F. O corpo como pulso. **Interface**, Botucatu [online], v. 14, n. 33, p. 449-60, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832010000200017>. Acesso em: 11 nov. 2022.

LIBERMAN, F.; LIMA, E. M. F. A. Um corpo de cartógrafo. **Interface**, Botucatu [online], v. 19, n. 52, p. 183-93, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0284>. Acesso em: 14 jul. 2022.

MACEDO, R.M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 34, nº 73, p.262-280, Maio-Agosto 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2178-149420210203>. Acesso em: 3 nov. 2022.

POZZANA, L. A Formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. Dossiê cartografia: pistas do método da cartografia, v.II. **Fractal**, v. 25, n. 2, p. 323-38, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000200007>. Acesso em: 11 nov. 2022.

POZZANA, L.; KASTRUP, V. Formação em Psicologia e saúde mental na atualidade: uma oficina de corpo e um caderno coletivo como dispositivos experimentais. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 89-114, 2019.

RICIERI, R.; CASTANHEIRA, L. A. Artaud, Grotowski, o ritual e o transe – um teatro de memórias em ação transformadora do corpo. **Ilinx**, n. 10, p. 22-33, 2016. Disponível em: <https://gongo.nics.unicamp.br/revistadigital/index.php/lume/article/view/431>. Acesso em: 14 jul. 2022.

THOMPSON, J. Risk and the Art of Care. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE REFLEXÃO SOBRE PRÁTICAS ARTÍSTICAS E COMUNITÁRIAS (EIRPAC), 4, 2021, Porto. **Livro de resumos**, Porto, Portugal: [s.n.], 2021. Disponível em: https://i2ads.up.pt/eirpac/assets/EIRPAC_Livro_de_Resumos.pdf. Acesso em: 11 nov. 2022.

UNO, K. **A gênese de um corpo desconhecido**. São Paulo: n-1, 2012.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 08/10/2022
Aprovado em: 11/11/2022